

A pintura como ato de reflexão poética
Painting as an act of poetic reflection
La pintura como acto de reflexión poética

Antonio José dos Santos Júnior¹
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: O texto apresenta uma reflexão sobre o processo artístico na pintura contemporânea, tendo como ponto de partida a prática do caminhar pela cidade de Santa Maria, localizada no estado do Rio Grande do Sul (RS), Brasil. O percurso cotidiano se transformou em método de investigação estética e crítica, a partir da observação do lixo descartado no espaço urbano. Esses resíduos, mais do que restos materiais, são interpretados como signos carregados de significados sociais, históricos e ambientais, sendo ressignificados pela pintura em novas narrativas visuais. Nesse processo, a metodologia articula a caminhada, discutida por Francesco Careri (2013), e a *poiética*, abordada por René Passeron (1978), como fundamentos que orientam a investigação e a criação artística. O trabalho explora a relação entre arte, espaço urbano e problemática ambiental, propondo uma poética que integra ética, estética e ecologia. Assim, a pintura assume o papel de registrar, transformar e provocar reflexões sobre consumo, descarte e sustentabilidade, revelando-se como um percurso aberto e inacabado em constante diálogo com o entorno.

Palavras-chave: arte contemporânea; caminhar; poética; lixo urbano; pintura

Abstract: The text presents a reflection on the artistic process in contemporary painting, taking as its starting point the practice of walking through the city of Santa Maria, located in Rio Grande do Sul (RS), Brazil. The everyday journey becomes a method of aesthetic and critical investigation, based on the observation of discarded waste in urban space. These residues, more than material remains, are interpreted as signs loaded with social, historical, and environmental meanings, being re-signified through painting into new visual narratives. In this process, the methodology brings together walking, as discussed by Francesco Careri (2013), and poetics, according to René Passeron (1978), as foundations guiding both investigation and artistic creation. The work explores the relationship between art, urban space, and environmental issues, proposing a poetics that integrates ethics, aesthetics, and ecology. Thus, painting takes on the role of recording, transforming, and provoking reflections on consumption, disposal, and sustainability, revealing itself as an open and unfinished path, in constant dialogue with its surroundings.

Keywords: contemporary art; walking; poetics; urban waste; painting

Resumen: El texto presenta una reflexión sobre el proceso artístico en la pintura contemporánea, tomando como punto de partida la práctica de caminar por la ciudad de Santa Maria, en Rio Grande do Sul (RS), Brasil. El recorrido cotidiano se transforma en un método de investigación estética y crítica, a partir de la observación de los desechos arrojados en el espacio urbano. Estos residuos, más que restos materiales, son interpretados como signos cargados de significados sociales, históricos y ambientales,

¹ Doutor em Artes Visuais e Mestre em Artes Visuais, ambos pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (PPGART/ UFSM) Bolsa CAPES. Especialista em Artes pela Universidade Federal de Pelotas/UFPel. Artista Visual – Bacharel em Desenho e Plástica pela UFSM com mobilidade acadêmica na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal. Integrante dos grupos de pesquisas: Arte Impressa e Ecologia CNPq/UFSM e Processos Pictóricos CNPq/UFSM. Tem interesse em investigar processos de criação e pintura na contemporaneidade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5641-7663>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1715724412555768>. E-mail: antonio.junior@gmail.com.

sendo resignificados por la pintura en nuevas narrativas visuales. En este proceso, la metodología articula el caminar, discutido por Francesco Careri (2013), y la poiética, según René Passeron (1978), como fundamentos que orientan la investigación y la creación artística. El trabajo explora la relación entre arte, espacio urbano y problemática ambiental, proponiendo una poética que integra ética, estética y ecología. Así, la pintura asume el papel de registrar, transformar y provocar reflexiones sobre consumo, desecho y sostenibilidad, revelándose como un recorrido abierto e inacabado, en constante diálogo con el entorno.

Palabras clave: arte contemporáneo; caminar; poética; residuos urbanos; pintura

1 INTRODUÇÃO

Caminhar, verbo que vem da ação de se locomover, dirigir-se a um local. É um ato que instiga e faz com que o termo seja latente. Assim, penso, refaço e reflito diante do que me propus a pesquisar: o processo artístico na pintura contemporânea. Em arte, não existe uma única direção, mas caminhos que podem se bifurcar ao longo do processo criativo. Portanto, é no caminhar que as possibilidades de algo aparecem nesse simples hábito; a partir do momento que enxergo algo diferente — o lixo, por exemplo —, posso definir essa caminhada como nova.

Inspirado nas reflexões de Francesco Careri (2013), a caminhada se configura como uma metodologia de investigação estética que ultrapassa a mera ação de deslocar-se fisicamente pela cidade. Para o autor, caminhar é um ato de leitura e escrita do espaço urbano, capaz de produzir conhecimento sensível e revelar camadas ocultas do território (Careri, 2013). Nesse sentido, ao percorrer as ruas da cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul (RS), Brasil, não apenas observo os resíduos abandonados, mas também os reinscrevo em minha prática artística, convertendo o ato de caminhar em experiência estética e poética. A deriva proposta por Careri (2013) se torna, portanto, um dispositivo metodológico que permite articular percepção, reflexão e criação, transformando o percurso cotidiano em campo de experimentação para a pintura contemporânea.

Pensando nesse assunto enquanto processo permeado por idas e vindas, há possibilidades de caminhos na pintura, dentre os quais fiz algumas escolhas. Nesse caso, escolhi olhar para o que está no entorno, sobretudo a partir do descaso ambiental no território em que vivemos. Esse cenário, a cidade de Santa Maria-RS, é um lugar geográfico no qual o objeto de estudo desta pesquisa se encontra: o lixo que os sujeitos rejeitam e é depositado em qualquer lugar. Desse modo, as pessoas são agentes e causas dessa problemática emergente, a partir da qual procuro estabelecer intersecções por meio da pintura: a questão ambiental e ecológica que resulta da ação inconsciente (ou não) de seus habitantes.

Ao observar o entorno e perceber o lixo como elemento central desta investigação, compreendo que ele não se configura apenas como resíduo descartado, mas também como signo que carrega camadas simbólicas e históricas. O que é rejeitado pelos sujeitos pode ser resignificado pela arte, adquirindo novos sentidos e diálogos no campo da pintura contemporânea. Essa transmutação do olhar sobre o descartado, que antes passava despercebido, abre um leque de possibilidades plásticas e conceituais para a minha prática artística.

A cidade de Santa Maria-RS, enquanto espaço de pesquisa, me convida a um olhar atento sobre a relação entre produção, descarte e reaproveitamento. O que está abandonado nas ruas pode ser visto como reflexo de uma sociedade que descarta não apenas objetos, mas também memórias e histórias. Nesse sentido, a pintura emerge como um meio para resgatar e trazer à tona essas narrativas ocultas nos detritos urbanos.

Ao incorporar esses elementos em minha produção artística, estabeleço uma relação

entre matéria e conceito, explorando texturas, composições e camadas de tinta que dialogam com a materialidade do próprio lixo. Os resíduos podem ser utilizados diretamente na construção das obras ou servirem como referências visuais para composições pictóricas que evocam a fragilidade e a transitoriedade daquilo que a sociedade rejeita.

Esse processo, então, se transforma em uma caminhada que não apenas me conduz fisicamente pela cidade, mas também me leva a percorrer trajetórias conceituais e estéticas. O ato de caminhar se torna, portanto, um método de investigação visual, uma forma de cartografar poeticamente as relações entre espaço, resíduos e pintura. Assim, o lixo deixa de ser apenas um problema ambiental e passa a se converter em matéria artística, abrindo novas reflexões sobre consumo, descarte e a sustentabilidade no campo das Artes Visuais.

2 O QUE ENCONTRO PELO CAMINHO?

Encontro... porque caminho. Esse deslocamento é necessário para cumprir determinadas tarefas do cotidiano. Nesse sentido, por que não aproveitar o momento para “enxergar” enquanto meus pés se movimentam? É a partir dessa ação que compreendo algumas questões sobre como abordar a instauração da obra gerada a partir do repertório visual desse caminhar pela cidade de Santa Maria-RS. Nesse sentido, para John Dewey (2010, p. 83), “[...] somente captamos a plena importância de uma obra de arte quando reproduzimos em nossos próprios processos vitais os processos do artista ao produzir a obra”. Assim, a experiência de caminhar e ir até os espaços onde há esse lixo abandonado desperta, em mim, uma provocação: o problema está ali, diante de mim (Figura 1). Sendo assim, como artista, reflito: o que a pintura pode nesse contexto?

Figura 1 – Caminhada em Santa Maria-RS, 2021. Fotografia



Fonte: O autor (2021).

A pintura, nesse cenário, surge não apenas como uma expressão estética, mas como um meio de ressignificação desse resíduo urbano, transformando-o em matéria sensível para a

criação artística. Ao me deparar com esses vestígios do cotidiano, percebo que eles carregam histórias e marcas do tempo e da ação humana, tornando-se fragmentos visuais que podem ser incorporados à obra. Nesse processo, a pintura se posiciona como uma linguagem capaz de evidenciar essas narrativas ocultas, questionando a relação entre arte, espaço urbano e descarte. Assim, ao pintar, não apenas registro o que vejo, mas também proponho um novo olhar sobre aquilo que foi abandonado, instigando reflexões sobre o valor e a permanência das coisas na cidade.

Há uma cobrança interna de produzir e, ao mesmo tempo, ser rodeado de tantas informações de ordem ambiental que evidenciam o rumo para o qual o planeta se encaminha. Caso não mudarmos o caminho que estamos fazendo, haverá uma total degradação, pois pereceremos diante de nossos próprios atos. Segundo Félix Guattari (1990, p. 7-8):

[...] o que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquínico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo da atividade humana potencial (Guattari, 1990, p. 7-8).

Portanto, não posso ficar inerte ao que está acontecendo. Como artista, questiono: qual é o meu papel social diante desses acontecimentos? Na pintura, o processo de criação é articulado não apenas para resolver uma questão meramente estética, mas também para colocar para fora os anseios, as indignações e uma aproximação com o espectador que será confrontado com a pintura. Nesse sentido, David Hockney (2020, 02 min 39s, tradução nossa²), em entrevista, diz: “[...] idiotas como somos, perdemos o nosso vínculo com a natureza, mesmo fazendo completamente parte dela. Tudo isso terminará um dia. Que lições vamos aprender?” Portanto, pensar sobre esse entorno e a prática pictórica exige compromisso e seriedade com o fazer artístico. Um resultado que será apresentado não será uma representação do que presenciei, mas todo um pensamento crítico e reflexivo em torno desse problema ambiental.

O artista e ativista ambiental mexicano Alejandro Durán (2023) possui um projeto denominado *Lavagem: transformando uma paisagem de lixo*, situado na costa caribenha, local onde recolhe todo o lixo que vem de outros países através do mar. É um trabalho de recolher esse material e separar por cores; com isso, ele faz instalações artísticas no ambiente e fotografias (Figura 2). Assim, suas obras possuem uma estética interessante e provocam o expectador diante dessas imagens e do contexto em que foram geradas. Portanto, através desse projeto, percebo o quão estamos interligados: nada do que é descartado vai “para fora”; apenas é deslocado para um outro território.

Essa reflexão evidencia a complexa relação entre consumo, descarte e meio ambiente, ressaltando a responsabilidade coletiva sobre os resíduos que produzimos. O trabalho de Durán (2023) não apenas denuncia a poluição, mas também transforma esses resíduos em uma ferramenta de conscientização visual e sensorial. Ao reorganizar os detritos e ressignificá-los artisticamente, ele nos obriga a encarar as consequências de um sistema global de consumo que, muitas vezes, ignora os impactos ambientais. Dessa forma, sua obra transcende a estética e se torna um alerta sobre a urgência de repensarmos nossos hábitos e a necessidade de ações mais sustentáveis.

² No texto fonte: “[...] comme des idiots, nous avons perdu notre lien avec la nature alors même que nous en faisons pleinement partie. Tout cela se terminera un jour. Alors, quelles leçons saurons-nous en tirer?” (Hockney, 2020, 02 min 39s).

Figura 2 – Alejandro Durán. *Mar*, 2018. Instalação e fotografia

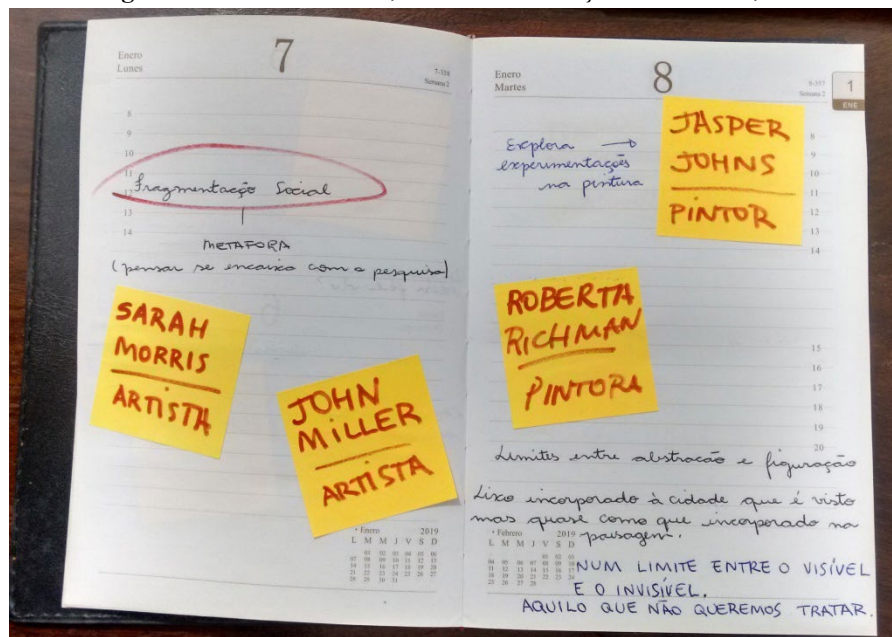


Fonte: Durán (2023).

3 QUAIS AS DIREÇÕES NESSE CAMINHAR?

O ato de caminhar não é apenas olhar para frente, mas para os lados, para o chão, para o alto e para trás. Dessa forma, é a partir do diário de bordo (Figura 3) que construo meus documentos de trabalho, material usado para tomar nota dos diversos acontecimentos envolvidos na instauração de uma obra. O artista e pesquisador Flávio Gonçalves (2013, p. 100) reconhece que “[...] um documento de trabalho é o objeto da obra e, como tal, ele não é evidente e palpável, mas muito mais percebido como esforço e construção”. É partindo dessa coletiva de materiais que caracterizo esta construção criativa em desenvolvimento.

Figura 3 – Diário de bordo, 2021. Encadernação. 14 x 21 x 2,5 cm



Fonte: O autor (2022).

Do mesmo modo, quando alguém sai para caminhar sem conhecer o destino, faz anotações de pontos referenciais, caminhos principais, secundários, vias de fácil acesso e até mesmo de pessoas que possam nortear esse trajeto. Em relação ao diário de bordo, aponto referências artísticas, conceituais, teóricas, bibliografias, ideias, esboços, provocações e reflexões sobre a criação. Ou seja, tomo nota de tudo o que pode atuar como sinalizador nesse processo, caminhando na prática artística, prosseguindo na pintura e, ao mesmo tempo, retornando para visualizar todas as direções pontuadas durante esse caminhar.

Ao caminhar por um novo trajeto, a possibilidade de esquecê-lo será fácil. Questionar sobre onde foi pisado e retornar para as pistas é poder encontrar soluções para o momento; para além disso, é perceber novos rumos para esse caminhar no processo de instauração da obra.

Apoiando-me na perspectiva de René Passeron (1978), compreendo a *poiética* como uma ciência metodológica voltada à investigação dos processos criativos e interessada não apenas no projeto da obra, mas também na sua execução e na forma como é percebida. Como observa Wilcon Pereira (1981), ao interpretar o pensamento de Passeron, a *poiética* propõe uma abordagem da arte que se centra na gênese e no fazer artístico, perspectivas que orientam esta escrita. Nesse sentido, a caminhada, enquanto prática estética, constitui-se em um procedimento *poiético*, pois coloca em evidência a relação direta entre artista, processo e obra em construção. O ato de caminhar pela cidade de Santa Maria-RS, observando o lixo e ressignificando-o em pintura, não se limita a ser um exercício de coleta de imagens ou referências, mas sim um modo de instaurar a própria obra no encontro entre pensamento, gesto e matéria. Assim, a *poiética* se articula com as caminhadas como metodologia, uma vez que ambas partilham o caráter de ação criadora em trânsito em que cada passo e cada registro constituem fragmentos fundamentais para a elaboração do trabalho artístico.

4 COMO A PINTURA PODE ARTICULAR ESSA POÉTICA?

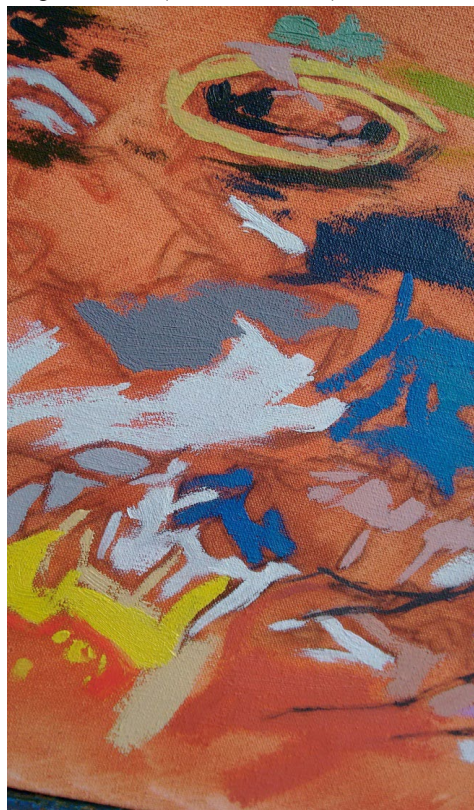
A preparação da tela, do material que está no meu entorno, é justamente pensar no que está ao meu alcance. Desse modo, o objeto de pesquisa é o lixo que está presente na cidade de

Santa Maria-RS. Nessa cidade, os habitantes inseridos transformam a paisagem em um outro espaço reconfigurado a partir da escolha do abandono, ou seja, do que não é mais de interesse deles. Trata-se de uma abdicação despretensiosa que, para mim, é geradora de escolhas; um recorte visual que decido explorar na superfície da tela.

Segundo René Passeron (1992, p. 125, tradução nossa³), “[...] o pintor saberá libertar-se das emoções, dos prazeres, dos entusiasmos, dos chamados simbolismos poéticos, para deixar aparecer, na sua verdadeira estrutura sensorial, o mundo visual que presentemente é seu”. Nesse sentido, a pintura como processo vai ocorrendo, as pinceladas despretensiosas vão acontecendo e, ao mesmo tempo, o pensamento de composição e organização das cores pelo espaço da tela vão movendo o pensamento. É um fazer com reflexão não somente sobre o objeto de pesquisa, mas sobre o surgimento de ocupação desse espaço territorial, ou seja, Santa Maria-RS (Figura 4).

Santa Maria-RS, nesse contexto, se torna não apenas um cenário, mas um organismo em constante mutação onde o descarte cotidiano se converte em marcas visuais que denunciam hábitos, fluxos e descuidos. A pintura, então, assume um papel duplo: registra e transforma. As camadas de tinta sobre a tela não apenas reproduzem vestígios urbanos, mas ressignificam essa paisagem reconfigurada pelo abandono. O gesto pictórico, espontâneo e ao mesmo tempo refletido estabelece um diálogo entre o efêmero e o permanente, entre a materialidade do lixo e a intangibilidade da memória que ele carrega. Assim, o ato de pintar se entrelaça ao próprio movimento da cidade, que, continuamente, se desfaz e se recompõe.

Figura 4 – Antonio Junior. *Interdependência* (detalhe da obra), 2021. Óleo sobre tela. Político 90 x 90 cm



Fonte: O autor (2022).

³ No texto fonte: “[...] et le peintre saura se dégager de l’emprise des émotions, jouissances, enthousiasmes, symbolismes dits poétiques, tout comme le savant, pour laisser apparaître, dans sa structure sensorielle vraie (dont il n’a pas à analyser les composantes physiques, physiologiques et psychologiques), le monde visuel qui est presentement le sien” (Passeron, 1992, p. 125).

Outra etapa cara a esse processo é justamente o gesto e o ritmo que partem do pintor contemporâneo e trazem contribuições para sua época (Giannotti, 2009). Ao mesmo tempo em que acontece esse abandono decorrente do próprio capitalismo mundial, presencio, como artista, outros tipos de recolhimento que ocorrem no meu processo criativo. É um processo sustentado por referências artísticas que considero relevantes para discutir essa problemática emergente da sociedade atual, além de ser uma problemática cujas pistas me permitem explorar, através do colorido das tintas, a plasticidade visível da obra em contraponto a esse lado sombrio do descaso ambiental. A ecologia é mais que uma palavra; deveríamos encará-la no próprio sentido da palavra, entendendo que há uma indissociável interdependência entre homem e natureza. Infelizmente, a palavra “ecologia” nos dá a impressão de um elo rompido que é urgente reatar.

Dessa forma, minha prática artística se torna um campo de resistência e reflexão em que cada pincelada carrega, em si, a dualidade entre o encanto visual e a crítica subjacente. O gesto pictórico não é apenas um ato de expressão, mas também uma maneira de ressignificar a relação entre o homem e o meio ambiente, apontando para a necessidade de reconexão com aquilo que foi fragmentado. Através das cores e das texturas, procuro criar uma experiência sensorial que, ao mesmo tempo, instigue a consciência do espectador sobre essa ruptura e o convide a refletir sobre seu papel nesse cenário de transformações.

Figura 5 – Antonio Junior. *Interdependência*, 2021, óleo sobre tela, políptico 90 x 90 cm



Fonte: O autor (2022).

O trabalho intitulado *Interdependência* (Figura 5) é o que foi constituído ao longo dessa caminhada diante do fazer e pensar essa poética em torno da criação, tendo sido executado através da pintura a óleo. Refleti sobre aspectos subjetivos diante dessa apresentação pictórica, e, ao abordar a paisagem da cidade junto aos elementos descartados pelos sujeitos pertencentes a essa localidade, os elementos apresentados em primeiro plano decorrem do que está descartado e, em segundo plano e não menos importante, está a paisagem local da cidade.

Conforme a pintura avançava, percebi, nos módulos fragmentados como rompimento

entre homem e natureza — melhor dizendo, na pintura —, que essa decorrência é subjetiva e acontece fundamentada nesse lixo abandonado na paisagem. Com isso, o próprio espaço “deixa de existir” — não no sentido de desaparecimento, mas deixa de apresentar uma unidade real, ou seja: o propósito de interdependência se reconfigura e passa a ocorrer de modo fragmentado.

A dimensão desse trabalho me leva para outros caminhos. Por isso, retorno ao diário de bordo justamente para visualizar apontamentos iniciais desse processo e começo a refletir sobre o modo expográfico dessa pintura através dos espaços em branco que oferecem uma outra possibilidade de subjetividade. A partir disso, reflito: o que deveria haver nesse espaço? Por que esse deslocamento? A parte separada causa incômodo; por que não está junto? Nesse “vazio”, tem mais lixo ou mais paisagem? Essas são algumas indagações que reforçam o papel de ocupação do espaço com tamanha intensidade, seja no trabalho, seja na própria paisagem de Santa Maria-RS.

Conforme essas questões se desdobram, percebo que a fragmentação presente na pintura não apenas reforça a ruptura entre homem e natureza, mas também propõe uma nova dinâmica de percepção do espaço. O intervalo, o vazio instaurado na composição, não é uma ausência pura, mas um campo de possibilidades, um lugar de tensão entre o que foi descartado e o que ainda resiste como paisagem. Essa lacuna ressignifica a relação entre os elementos da obra, levando-me a pensar sobre como o espectador também se insere nessa equação. Ao observar a pintura, ele se depara com um convite à reconstrução desse território imagético, onde o descarte e a paisagem coexistem em uma narrativa visual que oscila entre memória e esquecimento, presença e apagamento.

A exposição da obra é outro deslocamento proveniente dessa caminhada. Sendo assim, quando considerei o trabalho finalizado, fiquei atento às possibilidades que não foram percorridas durante o trajeto. Comecei a refletir sobre a condição de retenção nesse processo, sobre o que Passeron (1978, p. 34, tradução nossa⁴) afirma: “[...] como elemento complexo que determina a especificidade da pintura, em toda pintura possível, o pictórico está sujeito à retenção”. É através da complexidade do processo em pintura que a relação de “reter”, ou seja, segurar com firmeza, se apresenta, tal como o significado proposto pela etimologia da palavra (Figura 6).

⁴ No texto fonte: “*en tant qu’élément complexe qui détermine la spécificité de la peinture, et toute peinture est possible, le pictural est sujet à rétention*” (Passeron, 1992, p. 125).

Figura 6 – Exposição COR (detalhe da obra *Interdependência*), 2021. Óleo sobre tela. 90 x 90 cm. Sala de Exposições Angelita Stefani, UFN, Santa Maria-RS



Fonte: O autor (2021).

Nesse sentido, Passeron (1978) diz que a pintura é constituída a partir desse objeto singular, capaz, por sua mera presença, de desencarnar no olhar uma espécie de espanto com o que é. Em consonância com Passeron (1978), acredito que o impacto da obra na exposição seja um modo de evidenciar o meu caminhar como artista, mas também o caminhar da obra, a qual deslocou para o espaço expositivo, possibilitando ao público uma nova experiência diante do que empreguei na tela, com massa de tinta e cores que remontam a uma percepção que está em contínuo movimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar aspectos de uma caminhada durante este processo de escrita foi algo proposto justamente para evidenciar esse percurso, que não é linear e possui diversos atravessamentos. Num trabalho em poéticas, o percurso é propriamente constituído de idas e vindas, pois o artista pesquisador é um sujeito inquieto, com a cabeça cheia de ideias. Mesmo com atividades paralelas em seu cotidiano, ele está imerso nos mais diversos detalhes que podem surgir e ser abordados em arte. Nesse sentido, os apontamentos deste texto tiveram origem nas informações que constam no diário de bordo.

Os subtítulos em formato de questionamento — “O que encontro pelo caminho?”; “Quais as direções nesse caminhar?”; e “Como a pintura pode articular essa poética?” — foram propostos justamente para confrontar o que fiz e pensei diante do desenvolvimento do trabalho. De modo algum, no corpo do texto, busquei trazer respostas e possibilidades de outras reflexões para se pensar a instauração de um trabalho em poéticas visuais.

Já o problema ambiental que emerge na cidade de Santa Maria-RS, por sua vez, não é apenas um motivo de pesquisa, mas uma responsabilidade que também carrego como

sujeito inserido nesse espaço. Como artista, estou a caminho de uma poética contemporânea, um percurso que, em hipótese alguma, possui um destino. Mas fico às margens do que pode acontecer.

Seguir adiante nesse caminhar exige um constante estado de atenção. Cada passo dado no desenvolvimento do trabalho em poéticas visuais é permeado por encontros inesperados, desvios que abrem novas perspectivas e detalhes que antes passavam despercebidos. Nesse processo, a cidade de Santa Maria-RS se insere não apenas como pano de fundo, mas como um organismo vivo que interfere diretamente na criação.

Ao percorrer suas ruas, observar seus espaços e perceber as transformações que ocorrem no ambiente urbano, uma inquietação se estabelece. Como artista e pesquisador, não posso ignorar as marcas do tempo, os impactos da ação humana e as cicatrizes que a cidade carrega. O problema ambiental que emerge aqui não é um dado isolado; ele se manifesta em texturas, cores e formas que também atravessam minha produção artística.

Assim, ao mesmo tempo em que sigo esse caminho de investigação e experimentação, percebo que minha poética não se constrói apenas em ateliê, mas se amplia nos encontros diários com a cidade e suas dinâmicas. O percurso, que jamais se fecha em uma linha reta, se expande ao considerar não apenas questões estéticas, mas também éticas e políticas. Como integrar essa problemática ambiental dentro de um processo poético que não busca respostas fechadas, mas sim provocações? Como transformar essas inquietações em matéria sensível para a criação?

A noção de percurso, então, se amplia para além da metáfora da caminhada. Não se trata apenas do deslocamento físico, mas de um movimento interno, um fluxo contínuo entre percepção, reflexão e prática. Estar às margens do que pode acontecer significa aceitar a imprevisibilidade do processo artístico e compreender que cada etapa da criação carrega, consigo, a possibilidade de novos direcionamentos. Essa margem, longe de ser um espaço de estagnação, é um terreno fértil onde questões emergem, se dissolvem e ressurgem em novas configurações.

Dessa forma, ao me debruçar sobre esse percurso, percebo que a poética contemporânea que busco construir não se encerra em um único suporte ou linguagem, mas se alimenta dessa relação direta com o mundo. O caminhar, então, continua como um percurso sempre inacabado, aberto ao que o entorno tem a dizer.

Referências

CARERI, F. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DURÁN, A. Washed up. *Alejandro Durán*, [S. l.], 2023. Disponível em: <https://alejandroduran.com/>. Acesso em: 10 out. 2025.

GIANNOTTI, M. A imagem escrita. *ARS*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 91-115, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-53202003000100009>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/2904>. Acesso em: 10 out. 2025.

GONÇALVES, F. Através. *Revista-Valise*, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 97-108, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/41369/26209>. Acesso em: 10 out. 2025.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.

HOCKNEY, D. “Comme des idiots, nous avons perdu pas lien avec la nature...”. *Radio France*, [S. l.], 16 abr. 2020. Disponível em: <https://www.franceinter.fr/emissions/lettres-d-interieur/lettres-d-interieur-16-avril-2020>. Acesso em: 10 out. 2025.

PASSERON, R. *Sobre la aportación de la poiética a la semiología de lo pictórico*. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

PASSERON, R. *Oeuvre picturales et les fonctions de l'apparence*. Paris: Vrin, 1992.

PEREIRA, W. Semiologia e pintura segundo René Passeron. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 4, p. 61-71, 1981. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31731981000100005>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/12036/10730>. Acesso em: 10 out. 2025.

Submissão: 05/06/2025

Aprovação: 09/10/2025